ANO XXIII • Nº 1070 • 7 A 13 DE ABRIL DE 2014 • www.sintufrj.org.br • sintufrj@sintufrj.org.br

A SERVIÇO DA CATEGORIA

Jornal do SINTUFRJ

FASUBRA Sindical CUT

www.sintufrj.org.br

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DA UFRJ

Ato pelo Dia Mundial da Saúde

Segunda-feira, 7 de abril, às 16h, no Largo da Carioca.

Na luta contra a Ebserh e em favor da saúde pública de qualidade.

Categoria mantém a greve

Todos à assembleia de avaliação do movimento

nesta terça-feira, dia 8, às10h, no auditório Samira Mesquita (antigo Salão Azul da Reitoria). *PÁGINA 3*

DITADURA Nunca Mais!

Ato e passeata das centrais sindicais no Centro do Rio, quarta-feira, dia 2, reuniram sindicalistas, estudantes, militantes dos movimentos sociais e partidos de esquerda. Os manifestantes foram acompanhados de perto por centenas de policiais militares

. *PÁGINAS 7 E 8*

O adeus de um guerreiro e amigo

Foi com pesar que a categoria se despediu do companheiro Afonso Rodrigues, na segunda-feira, dia 31. Combatividade, solidariedade, companheirismo eram a essência deste lutador incansável, querido e respeitado por todos, independente de correntes políticas. Um exemplo de atitude diante da vida e que deve servir de exemplo para as novas gerações de trabalhadores.

PÁGINA 5

DOIS PONTOS

Pressão em Brasília no Congresso Nacional

O Comando Nacional de Greve/Fasubra voltou ao Congresso Nacional na quinta-feira, dia 3, em busca de apoio parlamentar às reivindicações da categoria.

Os integrantes do CNG dividiram-se em comissões e passaram em todos os gabinetes da Câmara e do Senado. O intuito dessa atividade, além da conquista de apoio, objetiva também envolver os parlamentares na pressão sobre o governo para abertura de negociação com a Fasubra.

UFRJ integra Fórum Interuniversitário de Cultura

Gestores da UFRJ, UniRio, UFF, UFRRJ (Rural), Uerj, Uenf e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF) assinaram, no dia 12 de março, no Colégio Brasileiro de Altos Estudos da UFRJ, no Flamengo, convênio para a criação do Fórum Interuniversitário de Cultura (FIC-RJ).

Segundo o site da UFRJ, o objetivo do FIC-RJ é qualificar a produção e a difusão de cultura no Rio de Janeiro com uma agenda integrada de teatro, música, dança e outras manifestações artísticas e ciência. O fórum pretende também realizar ações conjuntas para definição de políticas culturais em conselhos estaduais e municipais de cultura.

O coordenador do Fórum de Ciência e Cultura (FCC) da UFRJ, Carlos Vainer, apontou o potencial que as universidades públicas possuem para promover ações na área. O reitor Carlos Levi avaliou que a universidade que se fortalece apenas nas áreas técnicas não vai "produzir o cidadão que nossa sociedade precisa. Arte e cultura são componentes fundamentais".

"É preciso estar mais juntos, mais integrados. Podemos construir propostas de cursos e ações integradas", disse a reitora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Ana Maria Dantas Soares.

"50 anos do golpe e suas marcas na UFRJ"

Este foi o tema do ato realizado pelo DCE Mário Prata e pelo Centro Acadêmico Cândido de Oliveira (Caco) na segunda-feira, dia 31 de março, na Faculdade Nacional de Direito, que homenageou as mulheres, alunos e professores da unidade perseguidos pela ditadura militar de 1964. Foram lidos depoimentos de militantes à Comissão estadual da Verdade.

A explicação do coordenador-geral do Sintufrj Francisco de Assis para a não citação de técnico-administrativo é porque na época do regime de exceção, décadas de 60, 70 e 80, o que hoje é o Sindicato era uma associação recreativa, e como a categoria não era organizada, não se engajava na luta contra a ditadura militar.

"Por que cotidianamente estudantes, técnicos-administrativos e professores se esforçam para se entenderem como iguais?", perguntou o presidente da Adufrj, Claudio Ribeiro. "Porque quando a universidade se organizava para avançar democraticamente, veio o golpe e tirou todo o seu poder e autonomia", respondeu o dirigente complementando sua manifestação no ato.

A representante do DCE Mário Prata, Maria Leão, afirmou que é muito importante os atos de descomemoração do golpe militar para que "a ditadura não volte", mas, lamentou a estudante, a "tortura infelizmente continua e ocorre principalmente nas favelas pelas forças do Estado".

Sintufrj contra título

Francisco de Assis declarou no ato que a diretoria do Sintufrj apoia incondicionalmente o movimento na UFRJ de cassação do título de Doutor Honoris Causa concedido pelo Conselho Universitário ao general Garrastazu Médici, em 1972, quando ele desempenhava o papel de ditador do Brasil. A homenagem está registrada no Boletim nº 37 da universidade. A publicação informa que a indicação do militar ao título foi apresentada pelo então reitor Jair Menezes, e o Consuni a aprovou por aclamação.

Foto: Internet

Manicuras e pedicuras têm sindicato

No dia 27 de março, o Sindicato Nacional de Manicuras, Manicuros, Pedicuras, Pedicuros e Decoradores de Unhas Artísticas (SindMani) completou dois anos de existência. A data foi festejada pela CUT-Rio, que, em nota, ressaltou:

"Trata-se de uma categoria formada majoritariamente por mulheres que sofrem com a informalidade e o desrespeito por direitos trabalhistas, além de assédio moral, o que torna a existência e atuação do Sindicato ainda mais necessária."

Quando você observar uma situação de exploração desses profissionais (manicuras e pedicuras) denuncie à entidade sindical da categoria, o SindMani. Saiba mais sobre a entidade acessando http://sindmani.com.br, http://sindimani.com.br/blog-e-notícias/, ou entre em contato pelo e-mail contato@sindmani.com.br.

"Rotatividade do trabalho no Brasil"

"A rotatividade do trabalho no Brasil" é o tema do debate do projeto Tardes de Debates da CUT-RJ, que será reaberto no dia 8 de abril, depois de três edições realizadas no fim do ano passado. O evento será às 14h, no auditório da CUT-RJ (Avenida Presidente Vargas nº 502, 15º andar, no Centro da Cidade).

O projeto Tardes de Debates foi criado com o objetivo de debater assuntos de interesse das direções sindicais cutistas no Estado do Rio de Janeiro. Nas três primeiras edições foram abordados os temas "Mudanças no perfil da população e a ação sindical", "Aumento dos gastos com o seguro-desemprego: informações para o debate" e "FGTS e correção dos saldos das contas vinculadas".

O evento ocorre quinzenalmente, sempre nas tardes de terça-feira. Para incentivar o debate, a subseção do Dieese/CUT-RJ, coordenada pelo economista Paulo Jager, apresenta uma exposição inicial para cada tema.

JORNAL DO Sintufrj
JORNAL DO SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DA UFRJ
Cidade Universitária - Ilha do Fundão - Rio de Janeiro - RJ
Cx Postal 68030 - Cep 21941-598 - CNPJ:42126300/0001-61

Coordenação de Comunicação Sindical: Francisco Carlos dos Santos, Maria Bernadete Figueiredo Tavares e Olga Letícia Penido Xavier / **Conselho Editorial:** Coordenação-Geral e Coordenação de Comunicação / **Edição:** Amag / **Reportagem**: Amag, Eac e Regina Rocha / **Projeto Gráfico:** Luís Fernando Couto / **Diagramação**: Luís Fernando Couto, Jamil Malafaia e Edilson Soares / **Fotografia:** Renan Silva / **Revisão:** Roberto Azul / **Tiragem**: 8 mil exemplares / As matérias não assinadas deste jornal são de responsabilidade da Coordenação de Comunicação Sindical
Correspondência: aos cuidados da Coordenação de Comunicação. **Fax:** (21) 2260-9343. **Tel.:** (21) 3194-7113 **Impressão:** 3graf (21) 3860-0100

ASSEMBLEIA & MOBILIZAÇÃO

É preciso intensificar a mobilização

Greve na UFRJ continua e nesta terça-feira, dia 8, às 10h, será realizada nova assembleia de avaliação e dado informes sobre o movimento, no auditório Samira Mesquita (antigo Salão Azul da Reitoria). A presença de todos é imprescindível!

Realização de atos políticos para dar visibilidade à greve foi o que decidiu a assembleia dos técnicos-administrativos da UFRJ realizada no dia 1º de abril, no auditório do Centro de Tecnologia, na Cidade Universitária, que também aprovou calendário de mobilização com esse objetivo.

A assembleia foi aberta com a triste notícia do falecimento do companheiro Afonso Rodrigues, militante histórico, ex-diretor do Sintufrj e muito querido na categoria. Em sua homenagem, foi feito um minuto de silêncio.

Fotos: Renan Silva

MESA: advogados Rafael e Mara, Milton Madeira, Franscisco de Assis e Thiago

Informes de unidades

Os técnicos-administrativos da Faculdade Nacional de Direito informaram que se reunirão no dia 7 de abril, às 11h, para debater a pauta interna. Lá a adesão à greve é geral.

Os representantes do campus UFRJ-Macaé comunicaram que os trabalhadores da biblioteca, que funciona em convênio com a Prefeitura municipal e a UFF, aderiram à greve, mas estão sendo pressionados. Eles solicitaram a presença do CLG/Sintufrj.

Os trabalhadores do Museu Nacional também pararam, e na quarta-feira, dia 2, pretendiam fazer uma panfletagem à população para explicar por que as portas do museu se encontravam fechadas, com a participação do Comando Local de Greve.

Dúvidas esclarecidas

Representantes do Departamento Jurídico do Sintufrj prestaram esclarecimentos sobre o mandado de injunção sobre a contagem de tempo especial e sobre as Orientações Normativas 15 e16 editadas pelo governo que criam obstáculos para a garantia de direitos conquistados pela categoria.

Após as explicações jurídicas, foi proposta a convocação do reitor e de representantes da PR-4 para discutir, na assembleia do dia 8 de abril, mandado de injunção e as orientações normativas e os temas constantes da pauta interna.

Fundo de greve

A assembleia aprovou a criação de um fundo de greve, cujo percentual de contribuição, depois de longa discussão, foi definido em 0,5%. A assembleia aprovou, ainda, que a contribuição será de toda categoria, e não apenas dos sindicalizados, pois todos serão beneficiados pela greve.

A Comissão de Finanças do Comando Local de Greve (CLG/Sintufrj) discutirá os critérios de utilização dos recursos e a proposta aprovada na assembleia será levada ao Comando Nacional de Greve (CNG).

CALENDÁRIO APROVADO

Dia 1º de abril, terça-feira

Às 16h – Integrantes do CLG/Sintufrj prestarão homenagem ao companheiro Afonso Rodrigues.

Às 17h – Participação do CLG/Sintufrj no ato na Candelária da descomemoração do golpe militar.

Dia 2, quarta-feira

Às 8h – Mobilização no Museu Nacional, com panfletagem à população.

Às 10h30 – Mobilização na Praia Vermelha, com panfletagem.

Dia 3, quinta-feira

Às 8h – Mobilização na Faculdade de Odontologia contra a repressão à greve.

Às 10h30 – Mobilização do CLG/Sintufrj no IPPMG.

Dia 4, sexta-feira

Às 10h – Reunião de todas as comissões do CLG/Sintufrj, na subsede sindical no HUCFF.

Dia 7, segunda-feira

Às 10h – Reunião do CLG/Sintufrj, na subsede sindical no HUCFF.

Às 10h – Reunião local dos trabalhadores do Hesfa.

Às 16h – Ato pelo Dia Mundial da Saúde, no Largo da Carioca.

Dia 8, terça-feira

Às 10h – Assembleia geral, no auditório Samira Mesquita (antigo Salão Azul da Reitoria).

Ações nas bases pelo CLG/Sintufrj

Imagens da base

Integrantes do Comando Local de Greve se dividiram, na semana anterior, na panfletagem à população no campus da Praia Vermelha e na Faculdade de Odontologia. No Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG), além de entregar panfletos explicando os motivos da greve dos técnicos-administrativos em educação aos que aguardavam atendimento ambulatorial, o CLG/Sintufrj reuniu os trabalhadores para discutir o ponto eletrônico e dar informes a respeito do andamento da greve.

QUARTA-FEIRA, dia 2 de abril: Panfletagem nas alamedas do campus da Praia Vermelha e no sinal de trânsito da Avenida Venceslau Brás, em frente ao Instituto Pinel.

QUINTA-FEIRA, dia 3 de abril: O CLG/Sintufrj fez panfletagem na entrada da Faculdade de Odontologia para alunos, professores e usuários dos serviços de atendimento ao público.

REUNIÃO do CLG/Sintufrj com os trabalhadores no IPPMG

REPOSICIONAMENTO

Quase uma década de luta

Cerca de 1.500 aposentados da UFRJ estão com salários defasados desde a implantação do PCCTAE. A reparação dessa injustiça faz parte da pauta de reivindicações da greve

Fotos: Renan Silva

FRANCISCO de Assis

MARIA Passerone

JOÃO Paulo

ROBERTO Gomes

Segundo o coordenador-geral do Sintufrj Francisco de Assis, centenas de aposentados foram enquadrados no Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação (PCCTAE) abaixo do seu padrão original, o que lhes trouxe grave prejuízo para o bolso. E este prejuízo vem só aumentando ao longo dos anos.

"O salário está muito defasado. Mal dá para o remédio. Não temos mais nenhuma vantagem. Parece que o aposentado não vale mais nada", declara a coordenadora de Aposentados e Pensionistas do Sintufrj, Maria Passerone. Ela adianta que é necessária muita mobilização para reverter a situação. "Do jeito que está, está muito ruim", desabafa. "Mas não vamos desistir, e essa é uma luta de todos e não somente dos aposentados", afirma.

Federação quer mudança na lei

Um dos itens da pauta de reivindicações da Fasubra protocolada no Ministério da Educação é sobre reposicionamento dos aposentados. A Federação propõe a alteração na lei do PCCTAE para possibilitar a mudança. Se ao longo dos anos o movimento sindical conseguiu alguns avanços para melhorar a carreira dos técnicos-administrativos em educação, os aposentados, infelizmente, não foram contemplados.

Na avaliação da Fasubra, parte do governo tem a visão política de que não há por que investir no aposentado, pois considera que ele não produz mais. Essa visão vem com uma intenção venal e perigosa e coloca em risco um dos mais caros princípios do movimento: a paridade salarial entre ativos e aposentados. A Fasubra é a única entidade nacional do serviço público que ainda mantém a paridade entre ativos e aposentados.

"É uma visão que desconsidera toda a trajetória do trabalhador e traz embutida a intenção de quebrar a paridade entre ativos e aposentados. A Fasubra é a bola da vez, mas na última greve foi feito um acordo entre todas as forças presentes na direção da Fasubra para rejeitar qualquer proposta do governo que representasse reajuste diferenciado entre aposentados e ativos". Este alerta foi do coordenador de Organização Sindical da Fasubra, João Paulo Ribeiro, no I Encontro dos Aposentados em Luta pelo Reposicionamento, organizado pelo Sintufrj dia 24 de janeiro deste ano.

O que é reposicionamento

Com a implantação do Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação (PCCTAE), em 2005, os aposentados e pensionistas ficaram situados em posição inferior na tabela. Isso porque, ao serem enquadrados no novo plano, eles não tiveram equiparação dos níveis e padrões de vencimento ocupados no plano anterior (PUCRCE).

O enquadramento na nova tabela – na primeira etapa do PCCTAE – foi feito por tempo de serviço efetivo na universidade. Assim, aqueles que tinham, por exemplo, 10 anos de serviço na UFRJ e 20 anos lá fora, isto é, em final de carreira, foram enquadrados num padrão abaixo daquele em que estavam originalmente.

Isso atingiu todos os servidores técnico-administrativos, mas o prejuízo maior foi para os aposentados. Se os da ativa acabaram compensando a perda com o incentivo à qualificação e beneficiaram-se com a nova carreira, aos aposentados só restou perdas.

Em que pé está a luta

Depois da greve de 2012, foi assinado o Termo de Acordo, que previu a instituição dos grupos de trabalho (GTs) para tratar de demandas não solucionadas na greve, entre elas o reposicionamento dos aposentados. Havia na época um prazo de três meses para a conclusão dos GTs, o que não ocorreu. Os prazos foram repactuados e os trabalhos dos GTs se estenderam por todo ano de 2013 e início de 2014. E somente agora, após a aprovação da greve da Fasubra, o governo passou a considerar a negociação dos temas dos GTs.

Na reunião entre Fasubra, MEC e Ministério do Planejamento dias 6 e 7 de março para negociação da pauta, houve a manifestação contrária do Planejamento ao pleito do reposicionamento e, por parte do MEC, a informação de que este faria gestões dentro do governo para superar o impasse. Mas na resposta oficial do governo, por escrito, nem menção ao pleito.

Prejuízo acumulado

Ano após ano os companheiros aposentados veem seus salários engolidos pela alta do custo de vida. Se os servidores da ativa vão amargar uma defasagem de mais de 20% de 2013 a 2015, segundo cálculo do coordenador-geral da Fasubra, Paulo Henrique dos Santos, imaginem os aposentados já há nove anos com salário de fome.

A inflação vem acompanhada dos aumentos. Comida e remédio, fundamentais para a sobrevivência de qualquer pessoa da terceira idade, fazem sobressaltar os corações dos aposentados a cada mês. O plano de saúde foi reajustado em 12% para este ano e semana passada houve aumento de 6% no preço dos medicamentos. É uma bola de neve que hoje atinge os aposentados em maior grau.

Os servidores da ativa devem ficar alertos, pois se a categoria deixar o governo retirar paulatinamente as conquistas que salvaguardam o técnico-administrativo na sua aposentadoria, eles serão os próximos a amargar uma vida cheia de dificuldades e sobressaltos no coração.

GT-Aposentado Sintufrj

O integrante do Grupo de Trabalho de Aposentados do Sintufrj, Roberto Gomes, não tem dúvidas: a questão só será resolvida com a mudança na Lei da Carreira. O que não é impossível. Ele avalia que desde o PCCTAE, o movimento tenta aprimorar a carreira resolvendo paulatinamente questões pendentes, inclusive com alterações na lei.

"O que conseguimos em 2012 é reivindicação desde 2005. Melhoramos os percentuais de incentivo à qualificação, por exemplo, e houve alteração na Lei da Carreira. Por isso acredito que possamos fazer isso para o reposicionamento", afirma. Roberto, que também é aposentado, diz que não faz parte dos mais de mil companheiros prejudicados com o enquadramento em 2005. No entanto, está na luta pela correção desta injustiça. "Não fui prejudicado, mas precisamos resolver isso. E pra mim só se resolve com a alteração na lei. É o que está faltando e precisa ser feito".

ADEUS, COMPANHEIRO!

Afonso: Presente!

"Um lorde, um cavalheiro. Sempre buscando apaziguar ânimos, ponderar. Um homem elegante, gentil, amoroso, terno". Estes foram alguns dos muitos adjetivos usados pelos amigos para traduzir todo o carinho que cultivam pelo Seu Afonso Rodrigues, militante histórico da categoria falecido na semana passada.

Seu Afonso Rodrigues completaria 83 anos no dia 18 de maio. Oficialmente, trabalhou por 40 anos na UFRJ; mas, segundo familiares, completou, ao todo, 59 anos de trabalho na universidade e se aposentou um mês antes de completar 70 anos. Na ocasião, recebeu com orgulho uma homenagem da UFRJ: título de Mestre em Edificações e Infraestrutura. Trabalhou no Escritório Técnico da Universidade (ETU), na Prefeitura, no Centro de Ciências da Saúde (CCS), no Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF) e, por último, na Faculdade de Letras.

Durante muitos anos Seu Afonso militou no movimento sindical da categoria. Fez parte do Conselho Fiscal da antiga Associação dos Servidores da UFRJ (Asufrj) e foi coordenador de Aposentados e Pensionistas do Sintufrj. Ele faleceu no fim da tarde do dia 31 de março de arritmia cardíaca aguda e apneia respiratória. No mesmo dia em que nos deixava, nascia sua 12ª bisneta, Ana Sofia, que ele conheceu apenas por uma foto de celular mostrada pelo pai da menina, Rômulo.

Seu Afonso dedicou grande amor à primeira namorada, que depois se tornou a esposa de toda uma vida, dona Maria dos Santos, hoje com 87 anos, de quem cuidou até o dia em que faleceu, porque ela estava acamada. No dia 20 de abril eles completariam 57 anos de casados. Mas viviam juntos há 63 anos. Tiveram dois filhos – Sandra e João Carlos –, que lhes deram 7 netos e 12 bisnetos. "Uma família feliz, todos sempre juntos em ocasiões como aniversário e Natal", disse Rômulo, lembrando que o avô, ao qual chamava de pai, considerava o Natal uma data essencial para a união do grupo.

Segundo Rômulo, Seu Afonso faleceu dias depois de algumas manifestações de desapego, como doar peças do seu guarda-roupa sempre tão elegante, e de acertar algumas dívidas – porque "não queria morrer devendo a ninguém". Ele achava também que não chegaria a conhecer a nova bisneta.

Foto: Emanuel Marinho

Naquele dia, sua esposa achou que ele não estava bem, mas Seu Afonso contestou dizendo que não estava sentindo nada. Porém, no fim da tarde passou mal e foi levado ao Hospital Getúlio Vargas, sendo atendido por médicos, que fizeram de tudo, segundo Rômulo, que é servidor do hospital, para salvá-lo. Às 18h ele faleceu.

Homenagem dos amigos e do Sintufrj

Na abertura da assembleia no dia 1º de abril, os presentes homenagearam o velho amigo com um minuto de silêncio. O corpo de Seu Afonso foi enterrado no cemitério de Irajá, e os amigos estavam lá para o último adeus, inclusive coordenadores do Sintufrj. Uma bandeira da entidade foi estendida sobre o caixão.

Orlando Simões, companheiro de UFRJ, puxou versos de uma música de um dos artistas mais admirados por Seu Afonso, Zeca Pagodinho: "Descobri que te amo demais... descobri em você minha paz", que todos cantaram juntos, até a chamada final: "Afonso: Presente!", três vezes, emocionando a todos.

A cerimônia de despedida de Seu Afonso foi assim, com música e muitos amigos em torno, como ele gostava. Fazia parte da rotina do velho camarada as saídas diárias para uma cervejinha e a ida ao Fundão às quintas-feiras para bater ponto no trailer do CCS e encontrar os amigos para uma gelada.

Os amigos se despedem

"Ontem, apesar de completar 60 anos em breve, me perguntei novamente: o que eu quero ser quando crescer? Negro! Não na cor da pele, nem pelas vivências de exclusão e preconceito que obviamente não vivi. Mas pela altivez ética que encontrei em vários amigos.

Comprometido com meus ideais! Não aqueles produzidos a partir de palavras fáceis, ou discursos inflamados. Mas os que marcam uma trajetória de vida, que não importa o lugar, a posição social, o enquadramento profissional ou o grupo de pertencimento.

Amigo de meus amigos! Não apenas nas horas boas, das festas ou da bonança. Mas em todos os momentos nos quais um amigo é tudo o que se precisa, sem que isso implique qualquer tipo de dívida.

Cuidadoso com a família! Não uma família "modelo", ou "revolucionária", mas uma família que reúna laços de sangue e de afinidade. Que reúna o que é familiar mas também o que é diferente. Que aprende com o tempo que cuidar é deixar-se cuidar também.

Amoroso com as mulheres! Afinal, ser romântico não diminui o homem, pelo contrário, o leva a reconhecer que a completude só se realiza na paixão e a paixão implica um profundo respeito pelo outro (quem quer que ele seja!).

Transcender o tempo! Isso significa ser lembrado como presente, mesmo que isso não possa mais acontecer!

É, eu quero ser como Afonso foi. Só que eu não pude dizer isso a ele. Mas nestas linhas posso dizer a muitos amigos na UFRJ que eu quero ser como vocês são e espero, que ele, de alguma forma, saiba disso!"

Ronaldo Lobão, ex-presidente da Asufrj

"Afonso foi uma pessoa que viveu com alegria. Para ele e para todos os seus amigos."

Isaías Gonçalves Bastos, ex-diretor da Asufrj

"Quem não conheceu Afonso Rodrigues não conheceu sua bondade, seu coração criança que hoje perdemos. Um companheiro que viveu até o último minuto da sua vida da forma que queria. Afonso esteve no CCS quinta-feira passada, bebendo sua cervejinha. Perdemos uma pessoa que ajudou a construir esta universidade, literalmente. E que ajudou a construir esse movimento sindical."

Walmir Penedo

"Conheci Afonso quando a gente começou o movimento de retomada da Asufrj, em meados da década de 80, e estreitamos relações na gestão da entidade, entre 1989 e 1991. Ele era uma pessoa excelente. Impecável. A gente costumava dizer que ele era um lorde. Cavalheiro, não só no trato com as pessoas. Elegante, gentil. Carismático e ponderado. Tinha um jeito próprio de conduzir as coisas. Nunca vi Afonso irado. Era um companheiro muito próximo das pessoas, como o Isaías, Marlene e o Lobão, a quem ele amava. Vai fazer uma falta absurda."

Terezinha Lima de Souza

"Ele participava do movimento. Muito antes de mim (eu sou de 1978). Era uma enciclopédia viva. Tinha uma memória incrível. Lembrava de nossas histórias: passagens dos reitores, do pessoal das direções da entidade, do movimento, nomes e a luta de cada um. Sem contar as questões de trabalho. Ele era marceneiro e ensinou muita gente seu ofício, além da amizade e companheirismo. Eu o chamava de "papai Afonso". E ele dizia para mim: "meu filhão". Vai deixar muita saudade. Dava aula de vida pra gente."

Orlando da Conceição Simões

MERCADO DE TRABALHO

Persiste desigualdade entre homens e mulheres

A desigualdade de condições de trabalho entre homens e mulheres ainda é bastante perceptível. Uma de suas maiores manifestações se traduz nas expressivas disparidades salariais. De acordo com os dados de 2012 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), realizada pelo IBGE, as mulheres brasileiras ocupadas recebiam como fruto de seu trabalho R$ 1.116 mensais, em média. Este valor corresponde a 70% do valor médio de R$ 1.589 percebido pelos homens no mesmo ano. No estado do Rio de Janeiro, apesar das remunerações médias serem superiores à média nacional, a disparidade entre homens e mulheres persiste. Enquanto o rendimento médio mensal dos homens ocupados era de R$ 1.939, no ano de 2012, as mulheres ocupadas percebiam R$ 1.394 mensais, ou seja, 72% do valor recebido pelos trabalhadores do sexo masculino.

Salários são baixos

Os dados da Pnad referentes à distribuição salarial evidenciam ainda mais o problema. No Brasil, em 2012, 28% dos ocupados recebiam até um salário mínimo (R$ 622 à época). Entre os homens, 24% recebiam salários até este valor e entre as mulheres esta proporção chegava a 33%.

Imagem: Internet

No Rio de Janeiro, novamente o fenômeno se repete, sendo a disparidade ainda maior. Enquanto 13% dos homens recebiam até um salário mínimo, entre as mulheres este número chegava a 28%.

Os baixos salários praticados no Brasil são um problema para toda a classe trabalhadora, sendo ainda mais agudo para as mulheres. Em 2012, do total de brasileiros ocupados, 62% recebiam rendimentos de até dois salários mínimos (R$ 1.244,00). Considerando apenas as mulheres, 67% das ocupadas recebiam rendimentos menores ou iguais a este valor. Dos trabalhadores fluminenses, 58% dos ocupados não recebiam mais do que dois salários mínimos – percentual ainda muito elevado, porém melhor do que a média nacional. Entretanto, no caso das mulheres fluminenses, repetem-se os mesmos 67% de ocupadas com rendimentos de até dois salários mínimos.

As diferenças salariais são sintomáticas de outras disparidades. As mulheres ascendem menos a cargos de direção e chefia, estão mais inseridas em formas precárias de ocupação e também em atividades que ainda carecem do reconhecimento tanto social quanto econômico de sua importância, como, por exemplo, nos serviços de cuidado domiciliar de doentes, idosos e crianças.

A negociação coletiva, instância que possibilita avanços em relação à legislação, tem sido um importante espaço de discussão e implementação de ações que podem permitir o questionamento da natureza assimétrica das condições de trabalho por gênero e também o avanço em direção ao seu enfrentamento. De acordo com a pesquisa Sacc-Dieese, no que se refere ao trabalho da mulher e às questões de gênero, verifica-se desde o início dos anos 2000 um aumento do número de cláusulas nos contratos coletivos de trabalho. No tocante aos avanços percebidos nesse período, destacam-se as cláusulas relativas à gestação (estabilidade da gestante) e as cláusulas de garantias da maternidade e paternidade (creche, acompanhamento dos filhos e licença paternidade).

Dieese-RJ

SAÚDE

O que comer nas várias fases da vida

Na edição anterior do Jornal do Sintufrj, a professora Dora Santa Cruz, do Departamento de Nutrição Social e Aplicada do Instituto de Nutrição Josué de Castro, da UFRJ, nos ensinou que boa alimentação deve ser acompanhada de qualidade de vida, e nos mostrou a pirâmide alimentar e como devemos conjugar os alimentos que fazem bem ao nosso organismo com atitudes que nos proporcionem alegria de viver, como dançar, cantar, brincar, conversar.

Desta vez, Dora nos orienta sobre o que devemos comer nas várias fases da nossa vida e também o que devemos passar longe, principalmente os adolescentes. Mas, antes, ela destaca um importante elemento para o organismo humano: a água. "O nosso organismo é uma máquina. Ninguém pode trabalhar sem água. O sangue circula levando oxigênio para todas as células. Se você não tem água, como o sangue vai fluir? Ela é importantíssima para os rins!", frisa

Para saber quantos copos de água cada pessoa deve tomar por dia, a nutricionista nos recomenda que façamos o seguinte cálculo: divida seu peso por oito, obtendo assim a quantidade de copos (200 a 250 ml) de que precisa tomar por dia.

Adolescentes

"Se tivéssemos uma visão política mais coerente com nossa profissão e nossa vida, não deixaríamos nossas crianças comerem McDonald's. Estudos feitos nos laboratórios das universidades com animais mostraram que eles ficaram obesos, morreram cedo, tiveram colesterol alto com essas comidas. Ao comer esses sanduíches, ingerimos também hormônios e aditivos que são cancerígenos". A nutricionista condena também a Coca-Cola. "Houve vários trabalhos com animais, inclusive com fetos na barriga, e se provou que eles nasciam com deficiência óssea, mostrando, assim, que o ácido que colocam para conservar o produto destrói o fosfato de cálcio. E a gente dá pro bebê, pra criança. É porque vivemos num país capitalista, e o que vale não é a saúde, não é a vida das pessoas. Nenhum capitalista vai investir num produto alimentar por uma questão social. Fazem tudo pra vender, para as pessoas se tornarem dependentes daquilo e consumirem por toda a sua vida. Tem muita propaganda enganosa. Deveríamos dizer que estão mentindo para a população".

Mulher de 30

A mulher com 30 anos está em idade de procriar. É nessa fase que ela precisa de uma boa alimentação, saudável e equilibrada, para estar pronta para uma gravidez e uma vida sexual saudável.

Mulher de 40

Aos 40 anos, a mulher está com menos da metade da sua perspectiva de vida. E ela tem que ter uma alimentação para cuidar da pele, da sua beleza, para não envelhecer rapidamente.

Mulher de 50

Com esta idade a mulher está na menopausa ou entrando nela. Então deve ingerir alimentos para suprir a falta de hormônios e a redução do cálcio, para ter uma vida saudável e equilibrada. Deve ingerir proteínas, leite, queijo.

Mais de 60

Ao envelhecer, o percentual de gordura aumenta e há perda de colágeno. É preciso ingerir muito líquido e proteínas.

CENTRAIS SINDICAIS

Ato e passeata reafirmam: ditadura nunca mais

Foto: Renan silva

TRABALHADORES, sob vigilância de soldados da PM, na passeata que pediu a punição dos torturadores

Nota oficial da manifestação no Rio de Janeiro, realizada no dia 1º de abril, data do golpe militar, denuncia que o Brasil é o único país do continente que ainda não puniu os torturadores da ditadura. A Lei da Anistia, aprovada em 1979, mantém impunes os agentes de Estado que cometeram os crimes mais hediondos. Por isso, as centrais, os partidos e os movimentos sociais reivindicam que a lei seja mudada, e o trabalho da Comissão da Verdade, criada pelo governo federal para esclarecer os crimes da ditadura, deve resultar em punição aos torturadores.

"Lutamos, portanto, pela abertura de todos os arquivos da ditadura e pela revogação do trecho da Lei da Anistia que beneficia os agentes do Estado", diz a nota. No ato na Candelária, declarações de dirigentes sindicais, trabalhadores e estudantes denunciaram o regime de arbítrio, que durou 21 anos, e ratificaram a necessidade de apuração e punição dos culpados pela tortura. A passeata que se deu em seguida em direção à Cinelândia cumpriu o ritual de marcar a data. "Para que não se esqueça... Para que nunca mais aconteça" foi um dos dizeres das faixas levadas pela Avenida Rio Branco.

"Os 50 anos da ditadura pra nós, da CUT, têm que ser lembrados efusivamente para que não aconteça nunca mais. Ditadura nunca mais. Golpe militar e qualquer tipo de golpe nunca mais no Brasil. Temos a visão de que no Brasil não existe espaço para golpe. O país está num processo de aprofundamento da democracia; e, quando vemos a população nas ruas protestando e reivindicando, percebemos que o povo está cada vez mais participando de política no Brasil. É a reafirmação da democracia pela qual tanto lutamos e pela qual tantos morreram", declarou o presidente da CUT-RJ, Darby Igayara.

Cadê Palhano?

O ato no Rio de Janeiro destacou o caso do bancário do Banco do Brasil e dirigente sindical Aluísio Palhano Pedreira Ferreira, duas vezes presidente do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro, cassado, perseguido, preso e morto pelos agentes da ditadura e na lista dos desaparecidos até hoje. O Sindicato e a CUT-RJ querem saber o que houve com o bancário.

"Aluísio Palhano foi preso, torturado e morto nas dependências do DOI-Codi. Até hoje o corpo não apareceu. Por isso, este ato é muito importante para que a juventude entenda o que ocorreu no passado e para que possamos lutar de modo que a ditadura não aconteça nunca mais", declarou o presidente do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro, Almir Aguiar.

"Nem nós do movimento sindical, a sociedade, e nem a família sabem do paradeiro de Aluísio Palhano. Isso tem que ser levantado e vir à tona. Espero que a Comissão da Verdade, a nacional e as estaduais consigam responder a todas estas questões. Onde está Aluísio e os outros desaparecidos, cobrou Darby Igayara.

Categorias na resistência

Entre 1º de abril de 1964 e dezembro de 1968 cresceu o autoritarismo que culminou com o Ato Institucional nº 5 (AI-5). Os sindicatos foram fechados, a imprensa censurada e o Congresso Nacional amordaçado. Muitos brasileiros foram perseguidos, presos, expulsos do país, sequestrados, torturados e assassinados. Eram considerados os inimigos internos. E desde o início a repressão voltou-se contra os trabalhadores e os parlamentares democratas. Voltou-se contra a voz livre e a coragem de jovens estudantes. Voltou-se contra a luta democrática e popular.

O Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), criado em 1962, as Ligas Camponesas, o sindicalismo rural, surgido com a fundação da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), em 1963, e a UNE foram duramente atingidos. Com o AI-5, o CGT foi fechado e seus dirigentes presos e processados; centenas de sindicatos sofreram intervenção. A sede da UNE foi incendiada e os estudantes, perseguidos. No campo, as Ligas Camponesas foram desmanteladas e seus dirigentes caçados pela polícia e por jagunços a mando de fazendeiros – muitos foram assassinados.

A resistência se deu e o movimento estudantil foi às ruas em 1965, tendo como auge a reação ao assassinato a tiros, pela polícia, no Rio de Janeiro, do estudante secundarista Edson Luis, em março de 1968. Outras manifestações estouraram pelo país e em junho aconteceu o maior protesto contra a ditadura até então, a Passeata dos Cem Mil, na Central do Brasil.

No mesmo ano de 1968, os trabalhadores realizaram as primeiras greves do período da ditadura: a de Contagem (MG) e a de Osasco (SP). Ambas foram duramente reprimidas. Houve também uma greve nacional dos bancários e, em Pernambuco, eclodiu uma greve dos canavieiros, na cidade do Cabo. A ditadura reagiu e endureceu. No segundo semestre de 1968 foi ocupada a Universidade de Brasília (UnB) e invadido o Congresso da UNE em Ibiúna (SP), com a prisão de mais de 700 estudantes.

Já em 1969, a ditadura ampliou e utilizou a estrutura de terror de Estado para combater e eliminar os opositores. A resistência armada foi um dos meios encontrados por parte dos opositores do regime para combatê-lo. A repressão foi tão grande que, no início da década de 1970, quase todas as organizações da luta armada haviam sido desmanteladas. Seus líderes foram mortos em perseguições e combates, executados ou assassinados na tortura.

O general Ernesto Geisel assumiu o posto de Garrastazu Médici no poder, em 1974. E a resistência ao regime que retomava a iniciativa política obteve uma vitória eleitoral expressiva. Isso impôs à ditadura a realização de uma manobra tática: o anúncio de uma "abertura lenta, gradual e segura". Mas a estratégia consistia também na eliminação dos comunistas. Em 1976 foi morto sob tortura no DOI-Codi paulista, entre tantos outros, o operário Manoel Fiel Filho.

Em 1978, os trabalhadores alçaram o protagonismo da luta com a greve dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo. A greve foi o marco inicial das grandes paralisações de 1979 e 1980, que contribuíram para minar os alicerces do regime. Surgiu então a liderança de Luiz Inácio da Silva. As lutas populares ganharam expressão e força com a batalha inicial pela Anistia em 1979, e as greves de 1980, apesar de reprimidas – houve intervenções nos sindicatos e enquadramento da Lei de Segurança Nacional dos líderes grevistas –, foram politicamente vitoriosas e derrotaram a abertura controlada da ditadura.

O movimento estudantil retomou suas lutas em 1977. E o desgaste da ditadura levou Geisel a revogar o AI-5 em outubro de 1978 e suspender a censura à imprensa. Em 1979, o ex-chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI), general João Figueiredo, substituiu Geisel, e nessa altura o regime estava em declínio. A Lei da Anistia, apesar de limitada, foi aprovada em agosto daquele ano. A CUT foi criada em 1983, uma prova da resistência e luta da classe trabalhadora contra os generais que tomaram de assalto o país.

“Foi golpe! Essa noite, 50 anos”

Esse foi o título da programação realizada no IFCS e no Largo de São Francisco, pela UFRJ

Foto: Bira Soares

JOSÉ Gradel, Marco Aurélio Santana e Jean von der Weid

Um dos eventos organizados pela UFRJ para lembrar os 50 anos do golpe militar foi realizado na terça-feira, dia 1º de abril, no salão nobre do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), e reuniu um ex-aluno do Colégio de Aplicação (CAp), José Gradel, e o presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE), em 1969, Jean Marc von der Weid, também ex-aluno da universidade. Eles participaram do debate Vale a Pena Resistir, que foi mediado pelo diretor do IFCS, Marco Aurélio Santana.

A atividade fez parte da programação conjunta do Fórum de Ciência e Cultura (FCC), a Comissão da Memória e Verdade da UFRJ, o IFCS e o Diretório Central dos Estudantes Mário Prata. A programação teve início às 10h e se prolongou até a noite, com exibição de filmes, poesia, teatro e show de música, no Largo de São Francisco, em um palco armado em frente à unidade acadêmica, e prosseguiu no dia seguinte até as 17h, com várias atrações.

“Hoje é um dia muito importante da nossa história; data em que setores da população estão, a um só tempo, desconstruindo e celebrando a resistência de ontem e hoje. A UFRJ se associa, portanto, a esse movimento de descomemoração, e o IFCS se sente honrado por ter sido escolhido como sede do evento”, afirmou na abertura o diretor da unidade, Marco Aurélio de Santana. O professor lembrou que a unidade é um símbolo de resistência, porque foi a instituição da universidade mais duramente atingida pela ditadura, tornando-se um local de reflexão política sobre o passado e o presente, “para que se possa projetar que democracia queremos”.

Ano da Memória e Verdade

O coordenador do FCC, Carlos Vainer, que também representou o reitor Carlos Levi no evento, anunciou a resolução nº 3 do Conselho Universitário, publicada no boletim extraordinário da universidade, que declara 2014 como Ano da Memória e Verdade da UFRJ. Depois de chamar pelo nome dos 26 estudantes da UFRJ que constam da lista dos assassinados pela ditadura militar, ele pediu um minuto de silêncio por esses desaparecidos.

Tadeu Lemos, representante dos estudantes, afirmou: “Vivemos uma página infeliz da nossa história, mas ainda há muito a ser feito pelo resgate da memória e da justiça, e isso inclui a punição dos torturadores, e a explicação por que um general tem título Honoris Causa da nossa universidade”. E concluiu dizendo que “quando se tem desaparecidos políticos, a gente mata a morte dessa pessoa. Por isso é importante a Comissão da Verdade para recuperar a história de estudantes, técnicos-administrativos e professores”.

O líder estudantil informou quem foi Mario Souza Prata, que dá nome ao DCE: “ele foi o último presidente do DCE da UFRJ, e, quando este foi reaberto, o movimento estudantil fez questão de homenageá-lo”.

Depoimento emocionado

Ex-estudante do Colégio de Aplicação da UFRJ, o CAp, José Gradel esteve no olho do furacão daqueles anos conturbados na segunda metade dos anos 1960, quando a ditadura redefinia suas garras e agia com fúria contra a resistência. Gradel foi expulso da Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi) pelo Decreto 477, que era uma espécie de AI-5 para o movimento estudantil. Por esta excrescência jurídica, a ditadura poderia afastar e impedir que estudantes continuassem seus cursos nas instituições de ensino.

Dois anos antes, em 1967, José Gradel (com o amigo Monteiro Guimarães) tinha sido o pivô de uma confusão no CAp. Responsável pelo jornal do grêmio da instituição, o *Forja*, em protesto contra as sucessivas censuras da direção da escola decidiu lançar – juntamente com a equipe que fazia a publicação – uma edição de protesto: o jornal saiu com os espaços destinados aos artigos censurados em branco, com apenas os títulos e os nomes dos autores. A resposta da direção do CAp foi expulsar Gradel e Guimarães.

O fato detonou uma crise, com greves e paralisações envolvendo pais e professores, e a direção acabou recuando.

José Gradel tem 23 anos de exílio na biografia. Seu depoimento no evento do IFCS teve momentos de emoção. “Sempre que falamos sobre aquela época, duas perguntas surgem: como ousamos meter-nos nesse combate, e se estamos arrenpendidos”, ele observa. “A gente se mete nisso pouco a pouco, ao aprender sobre o mundo, indignando-se aqui e ali com injustiças e desigualdades”. E continua: “a gente se mete nisso quando descobre que somos enganados, roubados e que estamos indefesos frente a um sistema que defende os ricos”.

Cicatrizes

No seu breve inventário de cicatrizes, José Gradel expõe: “ficamos com raiva pelo tempo que nos roubaram, pelos amores que não pudemos continuar a ter, pela separação e perda irremediável de amigos e companheiros”. O ex-militante chama atenção para que não se confunda “autocrítica” com “arrependimento”. E diz que, no seu caso, a luta valeu a pena.

Agronegócio prosperou na ditadura

Jean Marc von der Weid, ex-presidente da União dos Estudantes (UNE) num período em que a instituição estava proscrita pela ditadura, diz que um dos legados do regime militar foi o agronegócio. Na contramão da reforma agrária, o agronegócio consolidou os interesses de uma minoria no campo e ganhou poderes (é dono de uma bancada de um terço de parlamentares na Câmara), observa Jean Marc. A escolha desse caminho pelo regime, segundo o ex-dirigente estudantil e hoje militante da agricultura ecológica, resultou, entre outras coisas, numa maciça evasão rural – fator decisivo para o inchaço das grandes metrópoles.

Ao relatar a sua experiência como dirigente estudantil à época, Jean Marc arrisca uma análise já compartilhada por contemporâneos seus. O motor do movimento estudantil – que eclodiu nos primeiros anos da ditadura e estendeu-se até o decreto do Ato Institucional nº 5 (AI-5) em dezembro de 1968 – foi o anseio da classe média por vagas nas universidades. Essa reivindicação específica dos estudantes pôs milhares deles nas ruas e incendiou a política, convocando outros setores da sociedade a resistir à ditadura. O auge dessa atmosfera foi a Passeata dos Cem Mil, no Rio de Janeiro, recorda.

Ele disse ter ingressado no curso da Faculdade de Química da UFRJ precisamente em março de 1964 (ano do golpe, que faz 50 anos) e já encontrou a instituição em greve. O agravamento da crise política que resultou no endurecimento do regime teve o movimento estudantil como um dos principais alvos da repressão. E foi nessas condições extremamente adversas que Jean Marc foi eleito presidente da UNE em 1969, com a instituição na clandestinidade. Foram tempos de borrasca para o Brasil

Universidade pública

No breve balanço daquele período de lutas que marcou a história recente do país, Jean Marc afirma que a universidade se manteve como instituição pública, e isso se deve às lutas dos estudantes. Segundo ele, o projeto do regime era transformar as universidades em fundações, conferindo uma outra lógica para o seu funcionamento. Pelo projeto pensado pelos donos do poder, a rede de ensino superior pública seria reduzida a propagar tecnologias de fora, uma visão tecnicista que inibiria o potencial criativo das universidades e ampliaria a dependência externa. O projeto do governo também previa o estímulo à criação de instituições privadas de ensino.